

Breves comentários sobre algumas obras publicadas em 2014

MARTÍ, José. **El indio de nuestra América** (seleção e apresentação de Leonardo Acosta). La Habana: Centro de Estudios Martinianos, 2014.

José Martí (1853-1895) é, ainda, um autor desconhecido de leitores brasileiros. Este poeta, cronista, ensaísta e crítico literário tornou-se uma referência-chave para a cultura cubana e latino-americana. *El indio de nuestra América*, cuja primeira edição data de 1985, é indissociável de sua avançada percepção da realidade cubana (assim como de toda a América) e de uma obstinada militância em favor de seu projeto político emancipador e anti-hegemônico. Trata-se de um conjunto de textos que incluem escritos mais longos, como “Nuestra América”, além de passagens curtas e fragmentárias, finalizando com um anexo de dois capítulos curtos de uma obra que havia impressionado Martí. O tema central é, como indica o título, o indígena americano – que, aliás, não é um, mas muitos. Nesses textos Martí destaca a relevância do ameríndio no processo de emancipação da América.

ETGES, Virgínia Elisabeta; AREND, Silvio Cezar (Org.). **Crises do capitalismo, Estado e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

O título desta coletânea corresponde ao tema central da sexta edição (portanto, de 2013) dos já conhecidos *seminários internacionais sobre desenvolvimento regional*, promovidos a cada dois anos pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da UNISC, de Santa Cruz do Sul. A obra reúne dez ensaios de especialistas da área, tratando de assuntos mais gerais sobre a crise estrutural do capitalismo e mais específicos sobre os impactos da crise em distintas escalas espaciais, de qualquer modo cobrindo bastante bem a temática principal do evento. A sua leitura vale, sobretudo, pela possibilidade de se desvelar as complexas interações interescares, tendo-se a crise do capitalismo como pano de fundo e o Estado como instrumento que, em nível nacional, se encarrega de gerir a inserção de cada formação social na economia mundializada.

PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (Org.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Esta coletânea reúne ensaios sobre 25 *intérpretes* do Brasil. A novidade, em relação a outras coleções do gênero, é que aqui são incluídos os nomes não apenas dos clássicos do pensamento social brasileiro, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, mas também dos rebeldes e renegados, como Leôncio Basbaum e Mário Pedrosa. Todavia, o grande mérito da obra parece ser o de que aí se observa, como bem assinala Carlos Guilherme Mota, “uma significativa abertura

de foco dos estudos sobre o pensamento brasileiro, não apenas em termos geracionais como também na variedade de visões teóricas e abordagens pronunciadamente ideológicas”.

LIMONAD, Ester; CASTRO, Edna (Org.). **Um novo planejamento para um novo Brasil?** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

“Um novo planejamento para um novo Brasil?” é uma coletânea de 15 artigos que correspondem às contribuições de especialistas sobre planejamento urbano e regional, no âmbito de um simpósio organizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), que teve lugar durante a 65ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no mês de julho de 2013 em Recife. Cabe notar que os especialistas foram convidados para participarem do simpósio no início de 2013, antes, pois, da *primavera brasileira*, em junho daquele ano. Tendo o simpósio ocorrido quando a poeira ainda não havia baixado, se tem aqui um conjunto de textos que refletem muito fidedignamente o clima então dominante.

LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram:** cidade, arquitetura e subjetividade. São Paulo: Annablume, 2014.

Este livro de Lúcia Leitão, professora da Universidade Federal de Pernambuco, é o mais novo resultado de suas investigações sobre a subjetividade e a cidade, sobre as relações entre a vida individual, psíquica, e a existência social, o espaço habitado. Para lograr seu intento, a autora abraça a hipótese de que o espaço arquitetônico é apropriado como extensão do sujeito, posto que ele “atende a demandas inescapáveis próprias do desejo [...] na medida em que a motivação psíquica que lhe dá origem provém de exigências psíquicas, inconscientes por definição [...], decorrentes de uma noção de falta, de incompletude, que marca e, sobretudo, move o sujeito humano desde o útero até o túmulo”.